



*A crítica literária amazonense de Neide Gondim*

## **A crítica literária amazonense de Neide Gondim**

Neide Gondim's Amazonian literary criticism

Gisele Wolkoff <sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense

E-mail: [golkoff@gmail.com](mailto:golkoff@gmail.com)

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-89625215>

Fernanda de Sousa Silva <sup>2</sup>

Universidade Federal do Amazonas

E-mail: [fernanda.profport@gmail.com](mailto:fernanda.profport@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da obra de Neide Gondim para a crítica literária amazonense. A crítica literária no Amazonas teve uma forte influência das narrativas dos viajantes e naturalistas, o que se exemplifica nos textos de Euclides da Cunha que influenciou vários outros críticos, como Djalma Batista. Gondim traz uma perspectiva que desafia o que vinha se repetindo por considerável tempo e já sendo evidenciado por estudiosos com Mário Ypiranga Monteiro e Jorge Tufic. Traremos à discussão a invenção da Amazônia conforme elaborada pela autora em seu livro de mesmo nome, além de evidenciar aspectos de sua obra que colaboram para afirmar a identidade amazônica.

**Palavras-chave:** Amazônia; crítica literária; Neide Gondim.

**Abstract:** The aim of this article is to reflect upon the importance of the works by Neide Gondim for the Amazonian literary criticism, which has had a strong influence from travel writing and narratives by naturalists, exemplified in texts by Euclides da Cunha whom has played an important role for other critics such as Djalma Batista. Gondim brings up a challenging perspective that had been repeated for a considerable time and had already been made evident by scholars such as Mário Ypiranga Monteiro and Jorge Tufic. We shall display the invention of the Amazon as elaborated by Gondim in her book of the same name, while we also highlight aspects of her works that help assert Amazonian identity.

**Keywords:** Amazonia; literary criticism; Neide Gondim.

---

<sup>1</sup> Professora associada do Departamento Multidisciplinar do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. Membro permanente do Programa Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA, UFAM). Doutora e mestre em Letras (FFLCH/USP), bacharel e licenciada em Letras (Português e Inglês) pela F.F.L.C.H./U.S.P. e UNIFAI. Membro do G.E.A.A. (Grupo de Estudos Arte Ásia) do G.R.E.A.T. (Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução) e do Corpos em Movimento e Transculturalidade. Foi professora visitante e pesquisadora pós-doutoral na Kyoto University of Foreign Studies, Japão (2018-2019) e desenvolveu pesquisa financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia em Portugal, FCT, junto ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2009-2012) além de ter tido projetos de pesquisa financiados pela Fundação Araucária (2012-2014) e Faperj (2016-Atual).

<sup>2</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2009) e Bacharelado em Arquivologia (2022). Atualmente é efetivo - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS e efetivo - SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS. Atuando principalmente nos seguintes temas: simbologia, literatura no Amazonas e crítica literária no Amazonas.



## 1. Introdução

A crítica literária no Amazonas teve um surgimento tardio em comparação às regiões Sul e Sudeste do Brasil. Enquanto o cenário literário brasileiro começou a se consolidar por volta do século XIX, no Amazonas os primeiros registros dessa atividade só surgiram em 1908, com o prefácio de Euclides da Cunha para o livro **Inferno Verde**, de Alberto Rangel. No século XX, Flora Süssekind traça um panorama sobre a evolução da crítica literária no Brasil, destacando uma mudança de abordagem: do impressionismo — predominantemente veiculado em jornais — para uma crítica de caráter acadêmico, estruturada em livros e legitimada pelas universidades.

Conforme destaca Süssekind (2002, p. 17), de um lado estavam os "homens das letras" tradicionais, que se consideravam "a consciência de todos" e defendiam o impressionismo, o autodidatismo e as resenhas como uma forma de exibir estilo e vivenciar a "aventura da personalidade". De outro lado, surgia uma nova geração de críticos, formados nas faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro (fundada em 1938) e de São Paulo (fundada em 1934), que priorizavam a especialização, rejeitavam o personalismo e valorizavam a pesquisa acadêmica.

Até a década de 1950, predominava no Brasil uma crítica literária pouco especializada, conhecida como "crítica de rodapé". Nessa abordagem, os críticos geralmente utilizavam um estilo semelhante ao de crônicas ou reportagens. Contudo, a partir da década de 1950, houve uma transformação significativa, com a substituição do modelo de "crítico-cronista" pelo de "crítico acadêmico" ou *scholar*, como apontado por Süssekind (2002). Essa mudança foi possibilitada pelo avanço das universidades, que passaram a promover a especialização no campo da crítica literária: "Anunciava-se, então, a crescente perda de poder deste intelectual sem especialidade, deste 'leitor-que-sabe-tudo', que dominava o jornalismo literário. Em prol de um outro modelo, o universitário, de crítico" (Süssekind, 2002, p. 18).

A partir desse momento, a crítica literária acadêmica passou a ser marcada por um conflito entre duas correntes principais, que emergiram nos anos 1960: a estética e a dialética. A primeira corrente defendia a autonomia da literatura, propondo a exclusão ou



redução da importância da história, vista como um elemento secundário. Essa perspectiva, liderada por Afrânio Coutinho, rejeitava qualquer influência de fatores externos na formação da obra literária. Em oposição, a crítica dialética, representada principalmente por Antônio Candido, analisava a literatura em sua relação com a sociedade, utilizando uma abordagem que via essas interações de forma integrada e dialética. Nesse contexto, os aspectos sociais não eram apenas referências históricas, mas elementos constitutivos da produção artística.

Süssekind (2002) também observa que, no final da década de 1960, ocorreu uma expansão significativa da rede de universidades e a implementação de programas de pós-graduação em diversas regiões do país. Isso se deu porque a formação em nível de graduação já não era considerada suficiente para garantir uma qualificação adequada no campo da crítica literária.

Souza (2020) sugere que a crítica literária no Amazonas pode ser dividida em duas categorias principais: a crítica literária impressionista e a crítica literária especializada. A crítica impressionista era praticada por escritores que comentavam as obras de seus contemporâneos, geralmente por meio de “apresentações e prefácios de livros” (Souza, 2020, p. 14). Já a crítica especializada começou a se consolidar nos anos 1970, com o surgimento de críticos acadêmicos divididos em duas gerações: a geração de fundação e a geração de transição.

A geração de fundação marcou o início da crítica literária acadêmica no estado, formada por integrantes da primeira turma de Letras da Universidade do Amazonas (UA), atual Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esses críticos, que buscaram especialização em Programas de Pós-Graduação nas regiões Sul e Sudeste do Brasil durante as décadas de 1980 e 1990, dedicaram-se a estudos focados na literatura amazonense. Entre os nomes de destaque dessa geração estão Marcos Frederico Krüger Aleixo, Maria do Socorro de Farias Santiago, Antônio Paulo Batista Graça e Neide Gondim Freitas Pinto, sendo os trabalhos desta última o principal objeto de análise deste texto. A segunda geração, denominada de transição, é composta majoritariamente por orientandos da geração anterior.



*Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva*

Neide Gondim, que integrou a primeira geração de críticos formados pela Universidade do Amazonas na década de 1980, destacou-se por estudar as representações da Amazônia em narrativas ficcionais. Suas pesquisas trouxeram uma mudança significativa na forma como a Amazônia era analisada, rompendo com a visão tradicional de fora para dentro. Gondim adotou uma abordagem teórica inovadora, conectando a teoria literária às Ciências Sociais, o que resultou em uma visão de dentro para fora da realidade amazônica. Esse enfoque a diferencia de outros críticos literários da região, como Djalma Batista, Mário Ypiranga Monteiro e Jorge Tufic. Seus estudos, portanto, contribuíram de maneira relevante não apenas para a crítica literária no Amazonas, mas também para campos como a História, as Ciências Sociais e a Antropologia.

Nascida em Manaus, Neide Gondim Freitas Pinto teve uma carreira acadêmica de destaque como professora e pesquisadora na Universidade do Amazonas, onde atuou por quase 30 anos. Ensinou disciplinas como Teoria Literária e Literatura Brasileira e participou da criação da disciplina de Literatura Amazonense. Formou-se em Letras pela Universidade do Amazonas em 1968 e obteve o título de Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 1982. Em 1992, concluiu seu Doutorado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Embora tenha tido uma contribuição significativa na pesquisa acadêmica, não há registro de que tenha orientado outros trabalhos de pesquisa.

Gondim publicou diversos artigos em revistas, mas suas obras mais notáveis são **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre** e **A Invenção da Amazônia**, que resultaram de seus estudos de mestrado e doutorado, respectivamente. Em **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre**, ela apresenta uma análise histórica que abrange desde a chegada dos europeus à Amazônia até a interpretação das obras mencionadas no título. Já em **A Invenção da Amazônia**, Gondim investiga a influência europeia no imaginário amazônico, explorando como os pensamentos dominantes moldaram o pensamento social e cultural da região.

## **2. Amazônia: descoberta, construída ou inventada**

WOLKOFF, Gisele; SILVA, Fernanda de Sousa. A crítica literária amazonense de Neide Gondim. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 66-79.



A obra **A Invenção da Amazônia**, a mais estudada da autora, foi produto de sua tese de doutorado e publicada em forma de livro em 1994, em sua primeira edição. Na ocasião, Gondim recebeu orientação do sociólogo Octavio Ianni, que teve muita influência nos estudos voltados à formação do pensamento social brasileiro. Nessa obra, Gondim pretende desconstruir algumas ideias dominantes que influenciaram na construção do imaginário amazônico, sendo a principal delas a ideia de descobrimento ou construção da Amazônia. Ela mostra em seus estudos que a Amazônia foi, na verdade, inventada pelo anseio dos europeus que por ali passaram.

Gondim contextualiza o momento em que a Idade Média e o teocentrismo estão em declínio, destaca o início do Iluminismo e a valorização da ciência, trazendo à tona questionamentos de verdades antes inquestionáveis. Segundo a autora, o século das luzes “foi o século-limite para que a Europa repensasse a Ciência e destruísse velhos conceitos, ecos tardios de uma mentalidade pós-medieval” (GONDIM, 1994, p. 11). Ela apresenta um panorama das viagens científicas, evidenciando cientistas que escreveram sobre a Amazônia, tais como Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), Henry Bates e Alfred Russel Wallace (1848-1859), o casal Louis e Elizabeth Agassiz (1865-1966), Spix e Von Martius (1781-1826) e George Heinrich Von Langsdorff (1821-1826). Esses cientistas capturam em suas viagens características importantes do cenário amazônico, principalmente, a ver com aspectos etnológicos dos povos nativos do local que são evidenciados em seus escritos. Sobre esse aspecto Santos afirma que

O acto da descoberta é necessariamente recíproco: quem descobre é também descoberto, e vice-versa. Por que é então tão fácil, em concreto, saber quem é descobridor e quem é descoberto? Porque sendo a descoberta uma relação de poder e de saber, é descobridor quem tem mais poder e mais saber e, com isso, a capacidade para declarar o outro como descoberto. É a desigualdade de poder e de saber que transforma a reciprocidade na descoberta na apropriação do descoberto. (SANTOS, 2006, p. 181)

Ao deter o conhecimento científico e religioso, os europeus não admitem a diversidade cultural encontrada nos povos amazônicos e, a partir desse contato insere no homem amazônico seus próprios costumes. Segundo Candido (1965, p. 59): “O ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para



*Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva*

usar uma expressão corriqueira, o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros”. Nessas viagens, o europeu, além de estudá-lo, ainda impunha ao nativo amazônico seu pensamento homogêneo sobre a própria Amazônia, incluindo em sua descrição aspectos fantasiosos e preconceituosos.

A autora ainda afirma em seu texto que o europeu apresenta duas visões sobre a Amazônia, uma como inferno e a outra como paraíso. À medida que os relatos dos primeiros viajantes a terem contato com a Amazônia se fizeram conhecidos na Europa, forma-se o imaginário paradoxal de que na Amazônia existia um Paraíso semelhante ao Éden, ao mesmo tempo que a floresta se mostrava ameaçadora, complexa e monstruosa.

Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial. (GONDIM, 1994, p. 77)

O relato de Carvajal, cronista da expedição de Francisco de Orellana, também é evidenciado por Gondim. Nesse relato, o cronista descreve o que teria sido o encontro com mulheres altas e brancas contra as quais tiveram que travar luta feroz e que tinham uma força de dimensões extraordinárias. Sobre elas, ele descobre, ao conversar com um nativo, que eram as Amazonas, mulheres guerreiras de uma tribo e que mais tarde dão nome ao rio. Com a dimensão da história contada por Carvajal, já no século XVII, esteve na Amazônia Christovão d’Acuña, cronista de Pedro Teixeira, que afirma ter ouvido relatos sobre essas mulheres guerreiras.

Os expedicionários reencontram e sequenciam o imaginário dos antigos viajantes, cujas histórias sobre fortunas incríveis - lá Preste João, Grão Khan ou as áreas contíguas ao Éden, aqui o Eldorado, lugar fabuloso e a cidade Manoa das lendárias mulheres guerreiras - estão sempre presentes na invenção da Amazônia. (GONDIM, 1994, p. 79)

Tem-se nesses relatos uma grande semelhança com o mito grego das Amazonas, mulheres guerreiras que moravam em um mundo separado do povo grego e várias expressões utilizadas por Marco Polo em suas viagens.

Ela apresenta ainda diversas temáticas do imaginário europeu que podem ser lidas desde os viajantes e naturalistas e que se mostravam por meio das obras de autores como



Jules Vernes em **A Jangada**, a qual narra uma viagem de Iquitos à Belém mostrando aspectos da floresta e dos povoados ao longo do rio, Conan Doyle em **O mundo perdido**, sobre uma viagem científica de Southampton ao Amazonas, dentre outros. Segundo Gondim (1994, p. 271), “As potencialidades imaginárias que os autores de ficção pensam existir na Amazônia ainda guardam o vigor dos tempos primeiros dos navegadores de águas turvas e cristalinas do rio das Amazonas e de seus tributários no bordado de suas estradas líquidas” e ainda relacionam esse imaginário com as palavras de Euclides da Cunha que o homem só triunfará sobre a Amazônia após “trabalhos incalculáveis” e em um “futuro remotíssimo”.

O que Gondim apresenta em sua obra é a sobreposição da cultura europeia à cultura diversa do povo nativo amazônico, causando, por muito tempo, o apagamento da contribuição desse povo para a miscigenação cultural amazônica e sobretudo brasileira. Ela mostra o quanto os conceitos pré-concebidos sobre a Amazônia e o imaginário europeu utilizados como estratégia discursiva influenciaram na construção de um estereótipo da cultura amazônica.

### **3. A crítica literária de Gondim e a valorização da identidade amazônica**

Muitos já haviam escrito sobre a Amazônia antes de Neide Gondim. O interesse pela Amazônia havia sido explorado por Euclides da Cunha, que se mostrou fascinado pelos mistérios da região. Em 1904, ele realizou uma expedição ao Alto Purus, da qual resultaram várias anotações organizadas e publicadas em livro. Além disso, Euclides escreveu o prefácio de **Inferno Verde**, obra de Alberto Rangel, com o qual sua visão sobre a Amazônia teve grande impacto, tanto na crítica literária quanto na produção literária relacionada à região. Em sua análise, ele enfatizou o efeito transformador que o ambiente amazônico exercia sobre os viajantes. Isso se faz evidente em **Inferno Verde**, quando o personagem Souto, em seus primeiros dias na floresta, apresenta sentimentos oscilantes de desânimo e revigoração, influenciados por suas impressões sobre a floresta e seus aspectos monstruosos e por julgamentos que faz dos homens que vivem nesse ambiente.



*Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva*

Djalma Batista, escritor nascido no Amazonas, exemplifica a influência de Euclides da Cunha sobre os críticos literários. Em sua obra **Letras da Amazônia**, Batista afirma ter Euclides um porte majestoso, soberano por sua ascensão no meio literário. Ao analisar o capítulo "Impressões Gerais" de **Um Paraíso Perdido**, Batista ressalta que foi “a mais poderosa síntese que já foi possível fazer da Amazônia, completada, depois, com o notável prefácio do **Inferno Verde**” (Batista, 1938, p. 37). Essas declarações demonstram a profunda influência que Euclides da Cunha exerceu sobre escritores e críticos da Amazônia, como o citado, especialmente no que tange a valorização da região e a relevância de sua obra para a literatura brasileira, refletindo o ponto de vista naturalista de Euclides que ainda repercute a visão dos cronistas e viajantes do século XVI.

Em contrapartida, Mário Ypiranga Monteiro, que foi um renomado intelectual de múltiplas áreas, teve uma contribuição importante na formação da crítica literária acadêmica e dedicou-se a analisar a obra de Euclides da Cunha, com ênfase no prefácio de **Inferno Verde**. Ao contrário de outros autores que elogiaram a obra, Monteiro apresentou uma análise crítica. Ele chamou a atenção para a dualidade entre paraíso e inferno - também citada por Gondim - retratada no livro, destacando a abordagem conhecida como “Infernismo” (Monteiro, 1976).

Jorge Tufic, por outro lado, em seus textos, abordou a representação da Amazônia sob uma ótica mais distante das influências europeias. Em sua obra, ele defendeu uma abordagem que prioriza uma visão menos marcada pelo olhar europeu. Tufic explica que Euclides da Cunha atribui um grande destaque à Amazônia, o que reaviva o interesse pelo regionalismo. Enquanto alguns autores de menor relevância seguiam repetindo o estilo de Coelho Neto, outros, influenciados pelo autor de **Os Sertões**, adotaram uma escrita marcada por exageros barrocos, com um excesso de palavras e imagens, que acabaram por esgotar o mistério e a força selvagem da beleza amazônica.

Souza (2020) destaca que Jorge Tufic deu início a uma abordagem crítica que seria posteriormente aprofundada por Neide Gondim em seus estudos. Nesse contexto, Compagnon (1999) analisa a relação entre a crítica literária e o senso comum, apontando a relevância da teoria nos estudos literários. O autor ressalta que a teoria vai além de um papel meramente explicativo ou pedagógico, assumindo uma função essencial ao





questionar e desafiar as concepções previamente aceitas pelo senso comum, além de a teoria se caracterizar por sua natureza contrastante, polêmica e analítica, distinguindo-se do ecletismo por se engajar em debates, propor perspectivas divergentes e trazer à tona dilemas inesperados até mesmo para seus próprios defensores.

O autor enfatiza que a teoria questiona as ideias preconcebidas que são aceitas de forma passiva e acabam se consolidando como senso comum, muitas vezes vistas como naturais. Esse movimento leva a críticas teóricas direcionadas às respostas prontas oferecidas pelo senso comum em relação às questões literárias. Por sua essência não absoluta, a teoria fomenta novas propostas, seja para validar ou para desafiar teorias já estabelecidas. Esse fator se faz presente no trabalho de Gondim, que parte de análises já consolidadas sobre a representação da Amazônia na crítica literária regional. A autora utiliza elementos culturais frequentemente associados à singularidade amazônica e os compara a figuras e conceitos presentes no imaginário europeu medieval e na cultura indiana. Gondim examina as descrições deixadas por viajantes e naturalistas europeus ao chegarem à Amazônia e se depararem com os povos indígenas, relatos que se integraram à cultura local e deram origem a mitos e lendas narrados pelas populações amazônicas. Dessa maneira, a autora inicia seus estudos a partir de elementos fantasiosos que, por muito tempo, foram considerados como verdades científicas.

Homi K. Bhabha, em **O Local da Cultura**, destaca que um elemento central do discurso colonial é sua dependência de estratégias discursivas. Trata-se de um modo de produção de conhecimento e identificação que oscila entre aquilo que já é conhecido e fixado em um "lugar" familiar e algo que escapa a essa definição e isso desempenha um papel crucial na ideologia que constrói a alteridade no colonialismo. Ao mesmo tempo em que sugere rigidez, ordem e estabilidade, também invoca caos, degeneração e uma repetição incessante. O estereótipo, como seu principal mecanismo, requer constante repetição para manter sua eficácia e Gondim destaca essa estratégia utilizada pelos colonizadores europeus em detrimento da heterogeneidade cultural dos povos amazônicos



*Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva*

Vale ressaltar que o trabalho de Gondim na articulação dos autores supracitados se dá como uma espécie de revisão de valores a serem disseminados sobre e a partir da Amazônia, visto que ao invés de reproduzir eixos colonizadores e colonialistas, a voz de Gondim revisita o *locus* de enunciação a ver com um ambiente bastante plural a ser constantemente reinventado pelas leituras e releituras do Ocidente (e Oriente).

Ainda, convém ressaltar que identidade e cultura são conceitos que se relacionam, e essa relação representa a forma como os indivíduos se enxergam dentro da sociedade em que vivem e como percebem os outros em relação a si mesmos. Desse modo, por meio do discurso, as identidades sociais são formadas e expressas, ou seja, elas não são características fixas ou inerentes às pessoas, mas sim construções discursivas que emergem nos processos de atribuição de significados. Assim, as identidades surgem das diversas práticas sociais em que os indivíduos estão inseridos, a medida em que há o contato entre nativos e colonizadores

A identidade cultural desempenha um papel fundamental na identificação de uma origem comum, na adaptação às práticas de um grupo e na formação do indivíduo por meio da integração de aspectos de sua vida ao modelo cultural coletivo. Por meio de interesses compartilhados e afinidades que os indivíduos se identificam com o grupo, sentindo-se confortáveis e motivados a pertencer a ele. Além disso, as identidades são construídas à medida que os indivíduos absorvem valores e influências socioculturais do ambiente ao qual pertencem. Esse processo transforma suas estruturas pessoais em reflexos culturais, fortalecendo laços entre o indivíduo e os espaços de pertencimento, promovendo, assim, um senso de unidade.

Na Amazônia, a riqueza cultural se manifesta de diversas formas, evocando um passado que enxerga a natureza como um espaço mítico, além de um cenário vibrante de vida que reflete uma cosmologia única enraizada no imaginário da floresta. Entre as narrativas populares, destaca-se a lenda das Amazonas e do Curupira, protetor da floresta que pune caçadores por matarem animais por prazer. Tais narrativas foram inseridas no imaginário amazônico pelos europeus até o ponto de serem incorporadas e contadas pelos próprios nativos da Amazônia.



Observa-se, portanto, que a cultura e a identidade são tecidas por uma complexa rede de elementos que conferem sentido ao mundo, sendo moldadas pela memória e pela história das ações humanas. Nesse caso, Neide Gondim evidencia que a memória e a identidade do povo amazônico foram construídas e preservadas em diferentes formas, como literatura, narrativas orais, lendas, mitos, entre outras expressões e tudo isso apresenta um significado mais profundo, pois a relação entre sociedade, natureza e práticas cotidianas é intimamente vinculada à floresta e à biodiversidade nela existente, tornando, assim, a valorização cultural essencial para os grupos sociais que vivem nessa região.

É deste modo que propomos que a leitura que Gondim faz da Amazonia, a partir de sua crítica literária, tem a ver com um olhar híbrido (nos termos estabelecidos por Bhabha) visto que as manifestações culturais da Amazônia não apenas preservam memórias, mas também reinventam criativamente a vida social, os desafios individuais e a relação com a natureza para além de colonialismos e processos imperialistas. Elas oferecem um aprendizado sobre sustentabilidade e transmitem conhecimentos entre gerações. Ao mesmo tempo, apresentam uma dimensão estética ao abordar questões existenciais de maneira integrada, superando visões limitadas sobre a região, tal como ocorreu após a chegada do europeu. Considerando isso, o fascínio pelas manifestações culturais amazônicas está na maneira como elas misturam realidades e representações, unindo simbólico e cotidiano em um universo onde a imaginação tem efeitos concretos na invenção de um povo.

#### **4. Considerações finais**

Neide Gondim aborda seu objeto de estudo de maneira crítica e inovadora. Sua obra mais famosa, **A Invenção da Amazônia**, que resulta de sua tese de doutorado, não apenas dialoga com a crítica literária convencional, mas também se conecta com textos de outras áreas do saber. Gondim vai além das percepções comuns, enriquecendo sua análise com uma abordagem interdisciplinar.



*Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva*

Na obra, Neide Gondim argumenta que a Amazônia não foi simplesmente descoberta ou construída, mas sim inventada, como uma resposta aos desejos expansionistas da Europa em busca de um Paraíso Perdido, um Éden. Ela oferece uma visão que desafia as ideias dominantes, desconstruindo as "verdades" amplamente aceitas sobre a Amazônia e revelando como esses conceitos foram formados. Gondim afirma que para o estrangeiro, a Amazônia é a mescla do início e do fim, é o encontro de opostos. Sob essa ótica, os europeus criaram uma imagem da Amazônia a partir de elementos de diferentes povos e períodos, como a mitologia greco-romana, influências indianas e o período medieval. A partir dessa análise, podemos entender o impacto e as repercussões dessas narrativas imaginárias na formação da consciência coletiva do povo amazônico.

A obra **A Invenção da Amazônia** de Neide Gondim destaca a influência cultural que moldou o povo da Amazônia durante o processo de colonização. Ela oferece uma interpretação da cultura por meio da teoria literária para explicar como a Amazônia e seu povo foram percebidos por outras culturas, especialmente pela europeia, e como essas percepções se manifestaram nos relatos de viajantes que retrataram o território e seus habitantes. Gondim argumenta que a diversidade cultural é um fator crucial, pois afeta as interpretações que se possam vir a fazer. Em **A Invenção da Amazônia**, a autora revela que a cultura europeia frequentemente se sobrepôs à cultura local, tornando-se, por muitos anos, a principal referência para a interpretação dos costumes e da cultura amazônicas.

Gondim apresenta uma perspectiva que difere do que já vinha sendo produzido na crítica literária no Amazonas, pois sua visão “de dentro para fora”, ou seja, pertencente ao ambiente amazônico, vai de encontro ao que pensadores anteriores ao seu trabalho acreditavam e (re)produziam. Ela mostra a importância das obras de ficção na reprodução de pensamentos pré-concebidos e na construção de narrativas preconceituosas por meio do olhar de quem é externo ao ambiente amazônico.

Com o passar dos séculos, a Amazônia assumiu novos contornos políticos, sociais, econômicos e culturais. Os povos da região, antes vistos como ingênuos e exóticos, têm buscado uma educação regional que valorize suas características culturais como uma forma de resistência a modelos culturais elitistas e uniformes.



## Referencias

BATISTA, Djalma. *Letras da Amazônia*. Livraria Palácio Real – Manaus. Cesar e Cia., 1938.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. (Coleção Brasil 500 anos). Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília, 2000.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONDIM, Neide. *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre*. Manaus: EDUA, 1996.

LEÃO, Allison. *Representações da natureza na ficção amazonense*. 2008. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7K7GS4>

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas, 1976.

MORAES, Péricles. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001.

PENALVA, Gilson; PENALVA, Lorena de Carvalho. Amazônia, amazonidade e transversalidade: em busca da construção de um conceito. *Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-13, 06/2021

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Trad. Tomas Rosa Bueno. 3 ed. Companhia das Letras, 1990.

WOLKOFF, Gisele; SILVA, Fernanda de Sousa. A crítica literária amazonense de Neide Gondim. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 66-79.



Gisele Wolkoff & Fernanda de Sousa Silva

SANTOS, Boaventura de Souza. Parte II – a construção dos Estados pós-coloniais. In: SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: por uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Elian Karine Serrão da | PAULINO, Itamar Rodrigues. Amazônia como lugar de culturas: conceitos, contextos e condições identitárias e memoriais. *REVELLI*, v. 11. n. 5, p. 1 – 18, 07/2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade

SOUZA, Fabrício Magalhães de. *A formação da crítica literária acadêmica amazonense e seus itinerários pela poesia lírica do Amazonas (1982-2010)*. 2020. 220 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8264>

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios. A formação da crítica brasileira moderna. In: SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

TUFIC, Jorge. *Existe uma literatura amazonense?* Edição Norte/Nordeste de Literatura: UBE – União Brasileira dos Escritores. Volume VII. ALVES, ...  
GOMES, ...

Recebido em: 14/11/2024.

Aceito em: 23/12/2024.